

Arion Dall'Igna Rodrigues .

As línguas indígenas do Novo Mundo ou línguas ameríndias (l.a.) não apresentam nenhuma característica estrutural pela qual se distinguem particularmente das línguas dos demais continentes . Mas também não há nenhuma relação demonstrada entre qualquer l. a. e idiomas não americanos (salvo o caso do esquimó, que por certo penetrou na América, vindo da Sibéria oriental, em época relativamente recente) . Igualmente nada há que una as muitas l. a. entre si . A expressão " línguas ameríndias " tem, pois, um significado eminentemente geográfico. O tipo linguístico " polissintético " ou incorporante ", dado outrora como característico das l. a., não é nem geral nas Américas . nem exclusivo destas . Também não há características estruturais que oponham as l.a. da América do Sul às das Américas Central e do Norte .

O continente americano, e talvez mais particularmente a América do Sul, é aquele em que se encontra maior pluralidade linguística - um maior número de línguas para uma população de baixa densidade demográfica . Presentemente apenas umas quinze l. a. contam com mais de 100.000 falantes e somente três dessas são usadas por mais de um milhão de indivíduos cada uma : o Quêchua, o Aimara e o ~~Guarani~~ Guaraní paraguáio .Ao todo orça por cêrca de 500 o número de l.a. ainda hoje faladas . Um número considerável, mas de estimativa difícil, deixou de ser falado, e em geral desapareceu sem deixar vestígios, desde o descobrimento da América pelos europeus . Muitas das línguas existentes se acham presentemente em processo de desaparecimento em consequência da conquista europeia, faladas agora por apenas poucas dezenas de indivíduos .

O ESTUDO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS

O estudo científico das l.a. desenvolveu-se mais cedo, mais rápida e mais intensamente na América do Norte . Já em 1891 apresentou J.W. Powell uma classificação das l. a. ao norte do México, a qual, embora modificada subseqüentemente em muitos detalhes, conserva-se válida em suas divisões principais . O maior progresso da investigação linguística na América do Norte deu-se, entretanto, na primeira metade do século 20, sobretudo graças a Franz Boas, cujo " Manual das línguas índias americanas" (Handbook of American Indian Languages) , especialmente a introdução à primeira parte (1911), teve influência decisiva na orientação puramente científica que se passou a dar ao estudo das l. a. nos Estados Unidos.

De importância não menos decisiva foram os linguistas Leonard Bloomfield e Edgard Sapir, este última autor de notável síntese classificatória das l. a. da América do Norte, em grande parte tentativa, mas que tem sido confirmada consideravelmente por estudos posteriores .

No México e na América Central só por 1935 começou a ser superada a fase predominantemente amadora dos estudos de l.a. e na América do Sul só por 1950. Isto não significa, entretanto, que anteriormente não se tenham realizado estudos linguísticos científicos na América Latina, mas estes foram sempre relativamente poucos e sujeitos a muitas limitações .

No Brasil, por exemplo, o estudo científico das l.a. começou na realidade com as expedições do antropólogo alemão Karl von den Steinen à região das cabeceiras do rio Xingu, em 1884 e 1887 . Ao extraordinário êxito científico dessas viagens deve-se a realização de uma série de outras expedições alemãs ao Brasil, entre as quais as de Paul Ehrenreich , Max Schmidt e Theodor Koch-Grunberg foram de particular importância para o acréscimo dos conhecimentos linguísticos . A essa série de antropólogos visitantes deve somar-se o nome de Curt (Unkel) Nimuendajú que, tendo emigrado para o Brasil, de 1905 a 1945 contribuiu de maneira particularmente extensiva para o conhecimento das l.a. deste país . Mas foi só com a entrada em cena do Instituto Lingüístico de Verão (Summer Institute of Linguistics) (no México e Guatemala em 1937 no Perú em 1946 e posteriormente na Bolívia , no Brasil , no Equador, na Colômbia), instituição que reúne grande número de pesquisadores treinados em linguística descritiva, que se iniciou uma fase de documentação científica sistemática e intensiva das l. a. em grande parte da América Latina . Atualmente, além dos membros daquela Instituição, há muitos outros linguistas, filiados a diferentes institutos de pesquisas e universidades, que se ocupam das l. a. na América Latina, não só do ponto de vista descritivo, mas investigando também problemas comparativos, classificatórios, sócio-linguísticos , pedagógicos etc.

CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS

Os estudos classificatórios mais recentes, além de precisar cada vez maior número de detalhes nas relações que se vão descobrindo entre as diferentes l. a. têm tendido a estabelecer grandes grupos linguísticos, aos quais se dá o nome de filos (do grego phylon). Em geral um filo abrange vários troncos ou famílias de línguas e pressupõe uma comunidade de origem consideravelmente remota no tempo para todas as línguas incluídas .

Ainda é bastante hipotética a constituição de vários desses filos, sobretudo daqueles da América do Sul.

A mais recente revisão dos filios de l. a. publicada em 1964-65 por F. e F.M Voegelin, distingue onze filios para todo o continente e mais várias famílias e línguas isoladas ou não classificadas. Desses filios, oito se situam na América do Norte, incluindo o México :

- I- Filio Ártico Americano-Paleossiberiano (que inclui a língua esquimó)
- II- Filio Na-Dene (cujo principal componente é a família Atapasca, com línguas setentrionais no Canadá e Alasca, línguas ocidentais na Califórnia e línguas meridionais principalmente nos estados do Arizona e Novo México ; entre estas últimas se incluem as línguas dos índios Apache e Návaro (Navajos)
- III- Filio Macro-Algonquino (cujo principal componente é a família Algonquina, a que pertencem entre outras as línguas dos índios Cree, Algonquin, Fox, Menomini, Blackfoot, no Canadá e no norte dos EUA)
- IV - Filio Macro-Sioux (que inclui, entre outras, as famílias Sioux e Iroquesa, na parte oriental dos EUA)
- V- Filio Hoka (Entre outras, famílias Pomo, Yuma, Shasta, Tlapaneca, Tequistlateca, principalmente na Califórnia e no México)
- VI- Filio Penuti (entre outras, famílias Chinook, Yokuts, Maidu, Wintun, Miwok-Costano, Kalapuya e a língua Zuñi, no oeste dos EUA ; famílias Mixe-Zoque, Totonaca e Maya- a que pertencem, entre outras, as línguas Maia e Quiché) - , no México e Guatemala; e a família Uru-Chipaia na Bolívia)
- VII- Filio Azteca-Tano (com as famílias Kiowa-Tano e Uto-Azteca (Yuto-Asteca) ; à primeira pertencem as línguas Kiowa, em Oklahoma, e Tiwa, Tewa e Towa no Novo México; à segunda, que se estende desde o centro dos EUA até o norte de Honduras, filiam-se ao Náuatl clássico - também conhecido como Mexicano ou Azteca - e moderno, no México, as línguas dos índios Comanche e Shoshone na Califórnia e muitas outras, entre as quais o Iute (Ute, Utah) e o Paiute, Hopi, Pápago, Yaqui, Tarahumara, Huichol, (Cora)
- VIII- Filio Oto-Mangue (com as famílias Mangue, Otomi, Popoloca, Mixteca, Chinanteca e Zapoteca, no México e América Entral)
Dos filios restantes, um se situa predominantemente na América do Sul, mas inclui também uma família centro-americana :
- IX- Filio Macro-Chibcha (incluindo, entre outras, as famílias Misumalpa ou Misquito-Sumo-Matagalpa, na América Central do Panamá até a Guatemala ; Chibcha, na Colombia, Panamá, Costa Rica e Nicarágua ; Waiká, no sul da Venezuela e norte do Brasil; Barbacoa, no Colômbia e Equador ; Chocó no Panamá, Colômbia e Equador)

As duas últimas grandes unidades são macro-filos, entidades mais abrangentes que os filios e de caráter muito mais hipotético. Ambas são exclusivamente sul-americanas :

X- Macro filio Jê-Pano-Karib (que inclui o filio Macro-Jê, no Brasil; e, entre outras, as famílias Tacana-Pano, no Brasil, Perú e Bolívia; Nambiquara, no Brasil ; Karib, no Brasil, Guianas, Venezuela, Colômbia e, antigamente, Antilhas ; Witoto na Colômbia, Perú e Brasil ; Mataco, no Chaco Paraguai e argentino ; Lule-Vilela-Charrua, na Argentina, extremo sul do Brasil e Uruguai ; Huarpe, no sul da Argentina).

XI- Macro-filio Andino-Equatorial (incluindo o filio Quechumara - que compreende as línguas quêchua e aimara, esta falada na Bolívia, aquela estendendo-se amplamente pelo Equador, Perú Bolívia até o norte da Argentina- e, entre outras, as famílias Chon, na Patagônia e Terra do Fogo; Záparo, no Equador e Peru ; Tukano, no Brasil, Colômbia, Equador e Peru ; Katukina, no Brasil; Puinave, Brasil e Colômbia ; Añuak, no Brasil Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guianas e, antigamente, Antilhas, de onde uma língua foi transportada para Honduras Britânicas, Honduras e Guatemala ; Tupi X no Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru e Guiana Francesa ; Samuko, no Paraguai e Bolívia; Guahibo-Pamigua, na Colômbia e Venezuela) .

LÍNGUAS AMERÍNDIAS DO BRASIL

Falam-se no Brasil, ainda hoje, de 120 a 150 l. a. É provável que esse número represente apenas a metade do total de línguas vivas à época do descobrimento do país pelos europeus. Das línguas desaparecidas só muito poucas foram documentadas razoavelmente : duas durante o período colonial, uma ou duas nos últimos anos. Algumas dezenas delas são conhecidas sómente por amostras de vocabulário colhidas em diferentes épocas por missionários, naturalistas, sertanistas ou antropólogos. A maioria, porém, terá desaparecido sem deixar traços. Pelo menos dezesseis das línguas sobre viventes são faladas por menos de cinquenta pessoas e estão, pois, na iminência de desaparecer (destas apenas 5 têm sido objeto de documentação científica) O maior número de l. a. brasileiras, de 70 a 80, são faladas por um número que vai de 50 a 1000 pessoas, ao passo que apenas dezessete contam com mais de um milhão de falantes, e destas só 3 com mais de 5.000 (mas nenhuma excede 6.000) guarani, terena e tukuna).

Das duas línguas documentadas no período colonial, o tupi-guarani foi registrado em duas variantes (dialetos), o tupinambá ou tupi antigo, falado nos séculos 16 e 17 em considerável extensão do litoral brasileiro, de S. Paulo ao Maranhão - o que levou os colonizadores portugueses a chamá-lo língua geral do Brasil ou, simplesmente e por excelência, língua brasílica ; e o guarani antigo, registrado na primeira metade do século 17 no oeste do

atual Estado do Paraná, onde os jesuítas espanhóis estabeleceram suas famosas reduções de Guairá com índios guarani, e, um século depois, bem mais ao sul, nas novas missões espanholas que então se estenderam, à esquerda do rio Uruguai, no território do atual Estado do R. G. do Sul.

O tupinambá foi amplamente documentado, sobretudo pelos jesuítas portugueses: além de duas gramáticas, uma do p. José de Anchieta (1595), outra do p. Luis Figuiera (1621), as quais apresentam análises bastante detalhadas da língua, e de um bastante amplo dicionário compilado por diversos missionários (Vocabulário na Língua Brasílica), foi ~~descrito~~ escrito, apreciável volume de textos, principalmente dois catecismos bem desenvolvidos - um deles com umas 400 páginas em tupinambá - e a produção poética e dramática do p. Anchieta. Em volume bem menor há documentos elaborados pelos franceses que estiveram no Rio de Janeiro em meados do século 16 e no Maranhão no início do século 17.

Os únicos documentos de autoria de um índio são algumas cartas escritas pelo célebre Felipe Camarão, conservadas na Holanda e ainda ~~x~~ inéditas. Ao contrário de uma suposição que surgiu no século passado e que desde então indevidamente ganhou aceitação geral, esses documentos todos refletem com muita fidelidade a língua realmente usada pelos índios tupinambá nos séculos 16 e 17 e não revelam nenhuma ~~reelaboração~~ reelaboração ou qualquer outra alteração essencial que justifique falar-se em algo como "tupi jesuítico", ou supor-se que a língua dos documentos missionários portugueses tenha sido disciplinada, regularizada, alatinada ou simplificada pelos padres.

O guarani do século 17 foi documentado essencialmente pelo padre peruano Antonio Ruiz de Montoya, que dele fez uma sucinta gramática e dois alentados dicionários, além de compor um volume de catecismo. A documentação do século 18 é devida principalmente ao jesuíta Paulo Restivo, que adaptou à forma dialetal de suas missões e ampliou consideravelmente a gramática de Ruiz de Montoya, assim como adaptou o dicionário espanhol-guarani; mas também foram produzidos outros documentos notáveis nessa época, como a tradução para o guarani do livro de história das reduções do século 17 escrito em espanhol por Ruiz de Montoya (Conquista Espiritual) e a coleção de sermões postos por escrito, em seu estilo pelo cacique Nicolás Yapuguay (Sermones y Ejemplos).

A outra língua registrada no período colonial foi o kariri, do qual também foram conservados por escrito dois dialetos, o kipeá ou kiriri de Jeru, no sul do Estado de Sergipe, com uma gramática (1699) e um catecismo (1698) do jesuíta italiano Luis V. Mamiani, e o dzubukuá das ilhas (particularmente a de Aracapé) da parte mais setentrional do médio rio S. Francisco, na fronteira da Bahia com Pernambuco, com um catecismo feito pelo capuchinho francês Bernard de Nantes (1709).

Do afluxo de naturalistas estrangeiros ao Brasil, ao terminar o período colonial no início do século 19, resultou notável incremento da documentação das l. a. Grande parte daqueles pesquisadores procurou colecionar as l. a. tal como colecionavam exemplares da fauna e da flora, mediante a coleta de amostras. Tomaram como amostras listas de palavras, mais longas ou mais curtas segundo as circunstâncias da coleta, as quais procuravam escrever como podiam conforme os hábitos de escrita de suas respectivas línguas (em geral alemão ou francês). O primeiro e maior colecionador nesse sentido foi o botânico alemão Karl Friedrich Philipp von Martius, o qual juntamente com seu companheiro, o zólogo Johann Baptist von Spix, coletou vocabulários de cerca de 50 l. a., os quais publicou reunidos com outros tantos registrados por Castelnau, Wallace, Saint-Hilaire, Natterer, Wied-Neuwied etc, na sua obra conhecida sob o título 1º Glossaria Linguarum Brasiliensium (1867) Esse tipo de documentação continuou sendo praticado até o dia de hoje, não só por viajantes estrangeiros, mas também por brasileiros e para a maioria das l. a. ainda só se dispõe de material dessa natureza, extremamente limitado para proporcionar efetivo conhecimento delas.

No segundo Império, por estímulo do próprio Imperador, procurou-se estudar com mais detalhe as línguas documentadas no período colonial e a lingua geral do Amazonas, também chamada "tupi vivo" ou nheengatú, a qual é uma forma do tupinambá profundamente alterada do fim do século 17 ao começo do século 19 principalmente por ter passado a ser usada como lingua franca exclusivamente por caboclos e índios não tupi-guarani. Dentre as várias contribuições feitas para o conhecimento dessa lingua - cujo uso se estendeu ao longo do Amazonas e por alguns de seus afluentes, sobretudo o rio Negro - destaca-se o Curso de Lingua Geral segundo Ollendorf Compreendendo o Texto Original de Lendas Tupis (1876) de J.V.Couto de Magalhães, que constitui o melhor trabalho de documentação linguística feito por um brasileiro do século passado.

A aplicação de conceitos e métodos da ciência linguística ao estudo de uma l. a. do Brasil foi feita primeiro por Karl von den Steinen em seu tratamento descritivo e comparativo da lingua Bakairi (1892). Certamente estimulado pela obra de Steinen, J. Capistrano de Abreu empreendeu o estudo da lingua kaxinawá (1914), tendo produzido a melhor contribuição brasileira para a documentação linguística na primeira metade do século 20. Outras contribuições esparsas surgiram posteriormente, algumas de grande mérito, mas em geral sem se beneficiarem dos progressos da técnica de documentação e análise linguística. Só há cerca de um decênio que realmente se iniciou trabalho de documentação sistemática e tecnicamente bem ~~xxxxxxxx~~ orientada, cujos primeiros resultados começam apenas a ser publicados.

CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS DO BRASIL

Os estudos para classificação das l. a. do Brasil começaram com Martius (1867) e tiveram contribuições maiores (em alguns casos em comum com as demais línguas sul-americanas) de Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich, Theodor Koch-Grünberg, Paul Rivet, Wilhelm Schmidt, Curt Nimuendajú, Cestimir Loukotka, Joseph Alden Mason.

A tendência predominante nesses estudos durante toda a primeira metade do século 20 (válida, aliás, para toda a América do Sul) foi de natureza por assim dizer analítica, manifestada na discriminação de um maior número de famílias linguísticas. Exemplos típicos dessa fase são as classificações de Rivet (1924, 1952) e Loukotka (1935, 1939, 1944, 1952), este último tendo chegado a distinguir até 114 famílias na América do Sul, das quais 48 no Brasil.

Nos últimos anos tem-se invertido a tendência dominante, de modo que as classificações mais recentes procuram estabelecer grandes sínteses, associando muitas famílias dentro de entidades maiores como os troncos e filios. Representativas dessa nova tendência são as classificações de Maurício Swadesh (1959) e Joseph H. Greenberg (1960). A proposição de poucos filios muito abrangentes (para o Brasil apenas três, segundo Greenberg) ainda se baseia antes de tudo no raciocínio de que é muito provável que todas as línguas tenham, em última instância, uma só origem, e não tanto em semelhanças descobertas mediante ~~comparação~~ comparação sistemática das línguas entre si. Só a melhoria e intensificação da documentação linguística, como vem se dando nos últimos anos no Brasil, é que vai permitir a elaboração de classificações bem fundadas em todos seus detalhes.

Presentemente, uma classificação genética mais ou menos detalhada das l. a. do Brasil, só pode ser formulada em termos provisórios. A que se dá adiante representa, na maioria dos casos, o consenso predominante dos diversos especialistas quanto às relações já descobertas entre as diferentes línguas.

Como ainda não há consenso sobre a constituição de filios, apresentam-se aqui, apenas dois níveis de agrupamentos: as famílias que reúnem línguas com afinidade genética relativamente estreita, e os troncos, que incluem várias famílias (ou línguas não classificadas em famílias) e que pressupõem afinidade de origem muito mais remota. Nos números que precedem cada nome, o primeiro algarismo indica o tronco, o segundo indica a família, o terceiro a língua e o quarto o dialeto (dialeto são línguas tão semelhantes entre si, que umas resultam compreensíveis para os falantes de outras, e por isso são tratadas aqui como "uma só língua" ou um complexo dialetal; nem sempre está em uso um nome particular para um complexo dialetal); zero nas posições de tronco e família indica que ainda não foram descobertas afinidades nos respectivos níveis.

Arthropoda Tupy: 7 families

1. Família Tupy Guaraní: 14 línguas, 20 dialetos
 2. " mundurubá: 2 " , 2 dialetos
 3. " Iurúna: 3 "
 4. " Arikém: 3 línguas
 5. " Tupurú: 3 " , 4 dialetos
 6. " Ramurama: 3 " , 4 dialetos
 7. " Mondé: 4 línguas, " "
- + uma língua não identificada em família
- 33 línguas, 34 dialetos

B. Tronca Neca-Jê: 6 famílias

1. família Jê: 6 línguas, 22 dialetos
 2. " kamabá: 3 línguas, 3 dialetos
 3. " Maxakali: 6 línguas
 4. " Coroadá: 3 línguas
 5. " Kariri: 2 línguas, 2 dialetos
 6. " Bororo: 2 línguas
- + 5 línguas ^{ou} 10 variações dialetos ^{ou} em domínios em família.
- 27 línguas, 37 dialetos

C. Tronca Aruák: 2 famílias

1. Família aruák: 28 línguas, 30 dialetos
 2. " Aruá: 6 línguas, 2 dialetos
- 36 línguas, 32 dialetos

2		2
56		36
4		27
32		33
37		53
34		16
<u>163</u>		<u>165</u>

1. TRONCO TUPI

1.1. Família Tupi Guaraní . 1.1.1. tupi, a) t. antigo ou tupinambá, b) t. moderno ou nheengatú; 1.1.2. guarani, a) g. antigo, b) g. moderno : 1.1.2.1. kaiwá, 1.1.2.2. nhandéva, 1.1.2.3. mbiá; 1.1.3. xetá; 1.1.4. tenetehára, 1.1.4.1. guajajára, 1.1.4.2. tembú; 1.1.5.1. asu rini, 1.1.5.2. suruí do Tocantins (mudjetire); 1.1.6. apiaká do Tapajós; 1.1.7. tapirapó; 1.1.8. kamayurá; 1.1.9. kawahíb, 1.1.9.1. parintintin, 1.1.9.2. paranawát (pawaté, takwatép, ipotewát), 1.1.9.3. wiraféd, 1.1.9.4. tukumanféd, 1.1.9.5. diahói, 1.1.9.6. tenharín (bôca negra), 1.1.9.7. júma, 1.1.9.8. kayabí; ~~1.1.10. apiaká do Tapajós~~; 1.1.10.1. urubú (kapor), 1.1.10.2. manajé, (amanayé), 1.1.10.3. ananbé, 1.1.10.4. turiwára; 1.1.11.1. oyampi, 1.1.11.2. emeriõ (émérillon, emerenhão), 1.1.11.3. karipúna do Uaçá; 1.1.12. awetí; 1.1.13. mawá (sataró)

1.2. Família Mundurukú . 1.2.1.1. mundurukú do Cururu, 1.2.1.2. mundurukú do Canumã; 1.2.2. kuruáya .

1.3.- Família Jurúna - 1.3.1. jurúna; 1.3.2. xipáya; 1.3.3. manit-sawá

1.4.- Família Arikém - 1.4.1. arikêm; 1.4.2. karitiãna; 1.4.3. kabixiãna .

1.5.- Família Tuparí - 1.5.1.1. tuparí, 1.5.1.2. wayoró, 1.5.1.3. apitxúm, 1.5.1.4. mekêns (amniapé, guaratégaya, kuaratíra); 1.5.2. makuráp; 1.5.3. kepkiwát .

1.6.- Família Ramarãna - 1.6.1.1. ramarãna, 1.6.1.2. itogapúk (ntogapíd); 1.6.2. urumí; 1.6.3.1. urukú, 1.6.3.2. arára do Jiparaná .

1.7.- Família Mondé - 1.7.1. mondé (sanamaikã, salamã); 1.7.2.1. aruá, 1.7.2.2. ruaxí; 1.7.3.1. digút (gavião do Jiparaná), 1.7.3.2. suruí do Jiparaná; 1.7.4. cinta-larga .

1.0.1. puruborá .

2. TRONCO MACRO- JÉ

2.1.- Família Jé - 2.1.1. timbira, 2.1.1.1. canela (ramkékamekra) 2.1.1.2. krikatí, 2.1.1.3. tajé, 2.1.1.4. krenjé (krem-yé), 2.1.1.5. apinayé, 2.1.1.6. krahó, 2.1.1.7. gavião do Tocantins, 2.1.1.8. apâniekra (aponejikrã); 2.1.2. kayapó, 2.1.2.1. kradaú, 2.1.2.2. xikrín, 2.1.2.3. dióre, 2.1.2.4. gorotíre, 2.1.2.5. kubén-kran-kegn, 2.1.2.6. kubén-kragnotíre, 2.1.2.7. mentuktíre (txukahamã), 2.1.2.8. kayapó do sul; 2.1.3. sujá; 2.1.4. akwên., 2.1.4.1. xavante, 2.1.4.2. xerênte, 2.1.4.3. xikriabá; 2.1.5. kaingang, ~~xxxxxxxxxxxxxxx~~ 2.1.5.1. kaingáng do norte, 2.1.5.2. kaingáng central, 2.1.5.3. kaingáng do sul; 2.1.6. xoklóng (xokrên, botocudo de Santa Catarina); 2.1.7. jéikó .

2.2. Família Kamakã - 2.2.1.1. kamakã, 2.2.1.2. mongoyo, 2.2.1.3. kotoxó (kutaxó); 2.2.2. meniên; 2.2.3. masakará .

2.3. Família Maxakali - 2.3.1. maxakalí; 2.3.2. makoni, 2.3.3. monoxó; 2.3.4. kapoxó; 2.3.5. pataxó; 2.3.6. malalí.

D. Famílias classificadas em Troncos: 1 / 1 famílias

1. Família Karib: 15 línguas, 15 dialetos
 2. " Xiriorá: 4 línguas, 8 dialetos
 3. " Tubãna: 4 " , 16 dialetos
 4. " Naba: 1 língua, 3 dialetos
 5. " Katubina: 4 línguas
 6. " Borá: 1 língua
 7. " Nuna: 2 línguas, 3 dialetos
 8. " Pãna: 12 línguas
 9. " Treapatsina: 2 línguas, 7 dialetos
 10. " Nambitukára: 6 línguas, 4 dialetos
 11. " Guriburu: 2 línguas
- 53 línguas, 56 dialetos

E. Línguas classificadas nem em troncos, nem em famílias: 16 ^{línguas}, 4 dialetos

16 línguas, 4 dialetos

Totais: Troncos: 3
 Famílias: 26 (11 em tronco)
 Línguas: 165 (22 em famílias)
 Dialetos: 163

- 2.4. Família Coroado - 2.4.1. coroado; 2.4.2. purí; 2.4.3. Koropó
- 2.5. Família Kariri - 2.5.1. kiriri, 2.5.1.1. kipeá, 2.5.1.2. dzubukuá; 2.5.2. sabuyá.
- 2.6.- Família Borôro - 2.6.1. borôro; 2.6.2. umotina, 2.0.1. botecudo, 2.0.1.1. krekmún, 2.0.1.2. naknanúk, 2.0.1.3. djiporóka, 2.0.1.4. bakuên, 2.0.1.5. pojitxá, 2.0.1.6. krenák, 2.0.1.7. nakrehé; 2.0.2. iatê (fuhîô, karnijó); 2.0.3. ofayé (opayó); 2.0.4.1. karajé, 2.0.4.2. javaé; 2.0.5. guató.

3. TRONCO ARUÁK

- 3.1.- Família Aruák . 3.1.1.1. terêna; 3.1.1.2. guaná, 3.1.1.3. kinikináo, 3.1.1.4. layâna; 3.1.2. paresí; 3.1.3.1. waurá, 3.1.3.2. mehináku, 3.1.3.3. yawalapití, 3.1.3.4. kustenáu; 3.1.4.1. apurinã (ipuriná), 3.1.4.2. kaxararí; 3.1.5. kuníba; 3.1.6. kanamaré; 3.1.7. manitenerí; 3.1.8. kuxitxinerí (kujije nerí); 3.1.9. araikú; 3.1.10. kariaí; 3.1.11. manau; 3.1.12. maráwa; 3.1.13. uirína; 3.1.14. pasé; 3.1.15. kayuixâna (kauixâna) 3.1.16. jumâna; 3.1.17.1. mariaté, 3.1.17.2. wainumá; 3.1.18. ~~kamixáxx~~ xx baniwa; 3.1.19. baré; 3.1.20.1. warekéna, 3.1.20.2. karútana, 3.1.20.3. yuruparí-tapúya; 3.1.21.1. hohêdene (huhúdene) 3.1.21.2. sukuriyú-tapúya (moriwêne), 3.1.21.3. ipéka-tapúya (kumadá-mnanai, kumândene), 3.1.21.4. tariána, 3.1.21.5. yibóya-tapúya, 3.1.21.6. yawareté-tapúya, 3.1.21.7. siusí-tapúya (wali péri-dákenei), 3.1.21.8. kadaupurítana, 3.1.21.9. píra-tapúya (mápa nai), 3.1.21.10. káwa-tapúya (máulieni), 3.1.21.11. pakú-tapúya (payualíone), 3.1.21.12. tatú-tapúya (adyânene), 3.1.21.13. kuation-tapúya (kapité mnanai); 3.1.22. xiriána; 3.1.23. yabaána; 3.1.24. mandawáka; 3.1.25.1. wapitxâna, 3.1.25.2. atorái; 3.1.26. maopityán (mapidián); 3.1.27. palikúr; 3.1.28. aruã.

- 3.2.- Família Arawá - 3.2.1. kulina; 3.2.2.1. yamamadí, 3.2.2.2. yaruára; 3.2.3. paumarí; 3.2.4. dení; 3.2.5. arawá; 3.2.6. madihá.

- 0.1.- Família Karíb - 0.1.1. bakairí; 0.1.2.1. nahukwá, 0.1.2.2. kuikúru, 0.1.2.3. kalapálo; 0.1.3.1. aráq do Xingu, 0.1.3.2. parirí, 0.1.3.3. txikão, 0.1.3.4. apiaká do Tocantins; 0.1.4. palméla; 0.1.5. pimenteira; 0.1.6. galibí; 0.1.7. apalaí (aparái), 0.1.8.1. urukuyána, 0.1.8.2. wáyana; 0.1.9.1. hijkaryána 0.1.9.2. katxúyana, 0.1.9.3. waiwái; 0.1.10. wayumará; 0.1.11. maki-ritáre (mayongóng) dyoukwâna; 0.1.12. pauxiána; 0.1.13. tirió; 0.1.14.1. makuxí, 0.1.14.2. ingarikó, 0.1.14.3. waymirí; 0.1.15. taulipáng (taurepã).

- 0.2.- Família Xiriana - 0.2.1. ninâm, 0.2.1.1. ninâm do Mucajáí (xirixâna, apiuastéri, porautéri) 0.2.1.2. ninâm do Uraricaá e Parágua (aiwatáteri, kurarikatéri); 0.2.3. sanumá, 0.2.2.1. sanumá do Araçá (kwatotéri, tokoximéri) 0.2.2.2. sanumá do Auarís (samatári); 0.2.3. yainomá, 0.2.3.1. yainomá do Apiáú (apiautéri, kastéri), 0.2.3.2. yainomá do Alto Ajarani (oratéri, jauarí); 0.2.4. yanomâm, 0.2.4.1. waiká (paramitéri, parahúri, máita, maraxitéri, aikamtéri), 0.2.4.2. palidáí.

0.3.- Família Tukâno - 0.3.1.1. tukâna (daxsêa), 0.3.1.2. pirá-ta púya (waikíno), 0.3.1.3. wanâna (kótedia), 0.3.1.4. tatú-tapúya, 0.3.1.5. tsêna, 0.3.1.6. tuyúka, 0.3.1.7. yurití-tapúya, 0.3.1.8. bará, 0.3.1.9. txúna (e outros dialetos); 0.3.2.1. idemasã (íi-tapúya, makúna), 0.3.2.2. yebá; 0.3.3.1. Kebéwa (hehénawa), 0.3.3.2. jibóya-tapúya (dyurémawa); 0.3.4.1. desána (winá), 0.3.4.2. txirângo (sirianá), 0.3.4.3. yupúa, 0.3.4.4. koretú do Apapóris.

0.4.- Família Makú - 0.4.1.1. makú do Tiquié (yehúbde), 0.4.1.2. makú de Iauaretú (húbde), 0.4.1.3. makú de São Gabriel (dóu).

0.5.- Família Katukína - 0.5.1. katukína; 0.5.2. kanamarí; 0.5.3. katawixí; 0.5.4. parawá .

0.6.- Família Bóra - 0.6.1. mirânha (mirânia)

0.7.- Família Múra - 0.7.1.1. múra do Manicoré (bohurá), 0.7.1.2. múra do Autás, 0.7.1.3. múra-pirahã; 0.7.2. matanawí .

0.8.- Família Pãno - 0.8.1. kaxinawá; 0.8.2. remo (nukuíni); 0.8.3. poyanáwa ; 0.8.4. marináwa; 0.8.5. amawáka ; 0.8.6. kapanáwa; 0.8.7. tuxináwa ; 0.8.8. yamináwa; 0.8.9. katukína do Gregório ; 0.8.10. marúbo (mayorúna); 0.8.11. kulíno; 0.8.12. karipúna do Guaporé .

0.9.- Família Txapakúra - 0.9.1.1. torá, 0.9.1.2. urupám, 0.9.1.3. jarú, 0.9.1.4. wanhâm, 0.9.1.5. pakaanóva; 0.9.2.1. moré, 0.9.2.2. kumaná .

0.10.- Família Nambikwára - 0.10.1. nambikwára (anunsú), 0.10.1.1. kitanlú, 0.10.1.2. sawentesú, 0.10.1.3. halotesú, 0.10.1.4. wakli tesú; 0.10.2. mundúka ; 0.10.3. tziwaisú; 0.10.3. galóra (manarisú) 0.10.4. mamaindé; 0.10.5. nikadotisú; 0.10.6. sabonês .

0.11- Família Guaiukurú - 0.11.1. kadiwéu, 0.11.2. guaxí.

0.0.1. máku; 0.0.2. auakê, 0.0.3. tukúna; 0.0.4. koerúna; 0.0.5.1. maxubí, 0.0.5.2. arikapú; 0.0.6. jabutí, 0.0.7.1. kanoê, 0.0.7.2. kapixaná, 0.0.8. huarí; 0.0.9. aripaktsá (eripaktsá, canoeiro) 0.0.10. irântxe ; 0.0.12. ctí ; 0.0.12. kukurá; 0.0.13. trumái ; 0.0.14. tarairiú ; 0.0.15. xukurú ; 0.0.16. gamela .